

***RELEITURAS DA MEMÓRIA A PARTIR DA MUSICALIDADE LOCAL<sup>1</sup>***

Durval dos Santos Borges Neto <sup>2</sup>

Jean Santos Itacarambi <sup>3</sup>

Anderson Dantas da Silva Brito <sup>4</sup>

Vivenciar a experiência docente é um caminho a se deparar com múltiplas realidades. Em função das diferenças que nela existem, a escola é por excelência um espaço que permite a troca de saberes. Ainda assim, são muitas as desigualdades que um olhar acurado consegue perceber. Por isso, reconhecer as individualidades que estão presentes na sala de aula é uma tarefa que exige experiência e sensibilidade do educador, afinal de contas, é a partir deste contato entre aluno e professor que acontece as possibilidades de transformar o conhecimento acadêmico em experiências pedagógicas efetivas e eficazes.

Desse modo, é fundamental à existência de políticas públicas voltadas para formação, desenvolvimento e valorização de professores. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência é uma dessas políticas, pois, como aponta Dominscheki e Alves (2017, p.629), “o PIBID é um programa que valoriza a formação inicial dos estudantes, desenvolvendo a prática docente, por meio da execução nas atividades pedagógicas, dentro da rede pública de ensino básico”.

Levando a discussão a partir de um relato de experiência, parte-se do subprojeto de História do PIBID/UFOB 2022-2024, promovido por bolsistas atuantes na Escola Municipal Francisco Joaquim de Lima, localizada no Bairro Boa Sorte, antiga zona rural e atualmente periferia da cidade de Barreiras, Bahia. Sendo fundada por colonos sertanejos em parceria com a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF). Segundo a memória dos funcionários e moradores mais antigos, o nome da escola se deu em homenagem a um morador do bairro, já falecido, trabalhador rural, sindicalista e defensor da reforma agrária. Ali, onde são desenvolvidas as atividades do subprojeto, a característica demográfica mais notável é que grande maioria dos estudantes são negros e pardos, oriundos de famílias de baixa renda, contrastando com

1 Este resumo é resultado de uma etapa de trabalho do subprojeto de História do Programa Institucional de Bolsas à Iniciação Científica na Universidade Federal do Oeste da Bahia (PIBID/UFOB 2022-2024), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

2 Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, [durval.borges@ufob.edu.br](mailto:durval.borges@ufob.edu.br);

3 Graduado pelo Curso Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, [jean.itacarambi@ufob.edu.br](mailto:jean.itacarambi@ufob.edu.br);

4 Doutor em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [anderson.brito@ufob.edu.br](mailto:anderson.brito@ufob.edu.br).

outros bairros da chamada capital do desenvolvimento do oeste baiano. Assim, há conformidade com o perfil socioeconômico e os desafios próprios da Região Oeste da Bahia.

Refletindo a partir dessa realidade e norteando-se por essas questões e sobre como, através do PIBID, seria possível desenvolver uma proposta de pesquisa, ensino e extensão entre a universidade e a escola pública e também pensando junto com o coordenador do projeto, o professor supervisor e demais colegas bolsistas, num primeiro momento, foi trabalhada a história local e regional de Barreiras e do bairro Boa Sorte, levando em consideração as problemáticas de raça, tradições culturais, a memória e a musicalidade do lugar em que se vive bem como o modo com que tudo isso produz narrativas dos mais diversos aspectos, e como elas fornecem atravessamentos que caracterizam a identidade de Barreiras e seus habitantes.

Surge daí a oficina *Lanternas do Conhecimento: Barreiras Negra – Palco de Amor e Beleza*. Apoiada na musicalidade de um artista barreirense negro, Bosco Fernandes, e na produção autoral captada pelo olhar e sensibilidade de cada estudante, firmou-se uma ponte entre universidade e escola, aluno e futuro professor, possibilitando, assim, não somente as experiências de iniciação à docência dos bolsistas do PIBID, licenciandos do curso de história, mas também reforçar o papel de extensão da universidade enquanto instituição. Nesse sentido, o projeto foi “tipicamente pibidiano”.

A produção das lanternas foi desenvolvida a partir de um trabalho conjunto a seis turmas do sétimo, oitavo e nono ano, nos turnos matutino e vespertino. Em um primeiro contato, foi apresentado em aula, tópicos sobre a história e a cultura de povos afro-brasileiros. Posteriormente o recorte temático seguiu para a história local e regional do município de Barreiras Bahia, sendo assim, possível traçar uma relação entre os temas e daí então, esquematizar a produção do material didático que contemplaria na prática os assuntos trabalhados em sala de aula.

Foi sugerido aos estudantes que fizessem releituras das músicas de Bosco Fernandes, na forma de poesias, paródias, histórias em quadrinhos e ilustrações, adicionando nelas, elementos da história barreirense, que poderiam ser encontrados a partir da memória e das narrativas de seus familiares e conhecidos, bem como resgatar a memórias dos espaços físicos da cidade, das suas tradições, culturas e identidades, servindo assim de inspiração na confecção do material e que juntamente das suas vivências pessoais iria expor a história segundo as suas perspectivas.

Para a estrutura da produção das lanternas foi utilizado papel cartão, folha de ofício, isopor, lâmpadas e fios, a fim de expor as produções autorais dos estudantes dando destaque as mais diversas criações captadas a partir das ideias de cada estudante. Ao total foram produzidas 15 lanternas com releituras diversas das letras musicais em grupos, que variavam de tamanho acordo com as turmas.

Ao longo do projeto, houve três grandes momentos de exibição: dois na escola, em que a comunidade local teve acesso às obras de modo guiado pelos criadores. Numa dessas oportunidades, o

próprio cantor Bosco Fernandes esteve presente. Outra, já no contexto da “Feira Literária Internacional de Barreiras”, os estudantes pibidianos puderam exibir essas coproduções para a comunidade daquela cidade. A curiosidade pelas lanternas era frequente, e elas foram apreciadas e explicadas para públicos diversos, desde por crianças em pré-escola até outros estudantes universitários.

Em conjunto, essas experiências de criação e exibição do trabalho estudantis foram bem proveitosas para a formação acadêmica e docente dos bolsistas. Elencando algumas:

1) A combinação entre teoria e práxis que caracteriza o PIBID não somente tem sido realizada, como também permitam algumas percepções novas: imprimiu-se uma perspectiva de docência em que o “púlpito invisível” do professor, que o separa dos alunos, é abolido pela atividade conjunta. Não só pela interação nos momentos expositivos, mas sobretudo pela construção conjunta das lanternas, os bolsistas participaram do mesmo modo que os alunos, lado a lado, na mesma situação de “artesãos”.

Além do mais, a experiência de se trabalhar com fontes históricas (imagens, jornais, documentos e biografias) e culturais (músicas), bem como o uso de recursos tecnológicos, efetuou-se a partir de um trabalho sistemático, intencional, corroborando aquilo que apontam Azevedo e Lima (2011, p.59).

Partindo do pressuposto de que “é na escola que se tornam perceptíveis as potencialidades individuais e coletivas dos estudantes e para além disso, as contradições de uma sociedade capitalista e suas desigualdades” (VEIGA, 2002), foi percebido que, ao serem demandados, foi possível explorar as possibilidades particulares de cada um deles, os estudantes produzem trabalhos e conhecimentos extraordinários, o que evidencia que a escola também é espaço de pesquisa e de produção de ciência e não só a universidade.

2) Por parte dos alunos, essa mesma experiência foi percebida pela afinidade geral, que não se devia ao fato de se tratarem de “pessoas novas e diferentes”, mas de visitantes que atuaram ao lado deles que perceberam um interesse genuíno da parte dos estudantes universitários, respondendo-lhes afetuosamente;

3) Ainda por parte dos alunos da escola, permitiu-se uma dupla contextualização: histórica e crítica, em que pelo acesso ao conteúdo temático ligado às suas experiências cotidianas, puderam interpretá-lo sob a perspectiva de uma história mais ampla: de Barreiras enquanto parte do Brasil e do mundo, e da cultura barreirense como expressão da cultura afro-brasileira como um todo. Enfim, esse processo ajudou, ainda que de modo sutil, a integrá-los à própria comunidade de um modo ligeiramente diferente da forma com que já estão habituados e também a integrar a própria comunidade à “História Universal”;

4) No contexto da FLIB, percebeu-se as potencialidades de tornar a história e cultura local temas de interesse social amplo, que podem e devem ser propostos à exposição pública a uma sociedade curiosa em conhecer a si mesma. Mais importante, verificou-se que “ensinar história na escola significa permitir aos estudantes abordar a historicidade das suas determinações socioculturais, fundamento de uma compreensão de si mesmos como agentes históricos e das suas identidades como construções do tempo histórico.” (PEREIRA e SEFFNER, 2009, p.119).

Como saldo geral da experiência, foi notada uma triplicidade de possibilidades das oficinas e do PIBID: por parte do orientador-professor, a capacidade de mobilizar a comunidade escolar em torno de um projeto interdisciplinar eficaz em suas finalidades didáticas e atraente para os alunos; por parte os próprios estudantes, a disponibilidade e a criatividade artística em oferecer leituras de mundo coerentes com sua própria vivência pessoal e aquilo que é proposto no currículo escolar, fomentando a sua formação identitária e o desenvolvimento de uma consciência histórica aguçada, capaz de refletir sobre sua própria origem. Por fim, por parte dos bolsistas, a vivência de ter no PIBID uma experiência multiforme que diz respeito à educação acadêmica e escolar em suas várias performances, da lide com os alunos, aos professores e comunidades.

Levando em consideração as realidades distintas pertencentes a cada estudante, foi possível perceber dentre as particularidades de cada um deles, potencialidades a serem exploradas, a exemplo da escrita, do desenho, da interpretação, manuseio dos materiais, a oralidade e do trabalho em equipe, em razão disso, a produção das lanternas conseguiu demonstrar o uso criativo das ideias de diferentes maneiras, o que traduz bastante o pensamento de Paulo Freire que não há saberes melhores ou piores, e sim que existem saberes diferentes (FREIRE, 1974).

É papel do educador como um agente de transformação estar ciente desses embates sociais e dos problemas da escola e da comunidade para construir um trabalho transformador naquele espaço. Com um olhar humanizado de profissional da educação e realizando esse trabalho, ficou mais do que evidentes todas essas questões que são aprendidas na sala de aula e nos livros da universidade, ou seja, teoria e prática devem caminhar juntas. O desenvolvimento desse projeto mostrou como a realidade de cada estudante permeia as produções e relações dentro da escola, e como cada um, individual ou coletivamente, produz conhecimento baseado nas suas vivências dentro e fora daquele espaço. Enfim, as Lanternas do Conhecimento foram modos de “iluminar identidades” históricas, étnicas e profissionais dos atores envolvidos.

Agradecemos ao apoio prestado pelos profissionais e alunos da Escola Municipal Francisco Joaquim de Lima, ao Professor Supervisor, Emerson Andrey e ao Coordenador do Subprojeto, Anderson Dantas; também à CAPES, financiadora do PIBID; e aos demais colegas de graduação que participaram da produção das oficinas, membros do subgrupo.

### REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Crislane B. & LIMA, Aline C. S. Leitura e compreensão do mundo na educação básica: o ensino de História e a utilização de diferentes linguagens em sala de aula. **Roteiro**, v. 36, n. 1, p. 55-80, 2011.

DOMINSCHEK, Desiré L. & ALVES, Tabatha C. O Pibid como estratégia pedagógica na formação inicial docente. **Revista Internacional de Educação Superior**. Campinas-SP, v. 3, n. 3, p. 624-644, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

PEREIRA, N. M.; SEFFNER, F. O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90**, [S. l.], v. 15, n. 28, p. 113-128, 2009.